

Não há volta a dar

JOAQUIM CUNHA*



> Este ano, tal como 2003, iniciou-se o encerramento de duas grandes fábricas. A Clarks e a Bawo em 2003. Agora, a Brax e a Decantconfex. Todas multinacionais.

Mais que um drama social é a realidade. Fecharam fábricas por todo o país. Um fruto da adversa conjuntura económica. Outras por causa da relação “custo/benefício” desfavorável de Portugal. O paradigmático caso da Clarks de Castelo de Paiva há um ano era apenas o prelúdio do que se seguiria. E as declarações do seu gerente, que reproduzo como título, elucidavam sobre a realidade: Portugal não é mais o país das oportunidades.

Começemos pelo investimento estrangeiro. Não estando os centros de decisão localizados em Portugal, sendo insensíveis às realidades locais, tendo muitas vezes investidores dispersos, o único objectivo é a maximização do lucro. Não há lugar para a “função social da empresa”.

Por outro, o mundo encarregou-se de mudar as oportunidades para leste: a queda da Cortina de Ferro, o fim do acordo multifibras e abertura acelerada aos mercados do Extremo Oriente, e a adesão em Abril de 10 países do Leste, com mão-de-obra barata, formada e capaz, que fala alemão, completam o cenário. E como esses países vão entrar, com prioridade no clube dos fundos, serão agora oportunidade idêntica à que Portugal foi no final da década de 80.

Por outro lado, muitos dos apoios que o Estado português concedeu nos últimos 16 anos ao investimento estrangeiro foram duma extrema miopia. É que, com os mesmos argumentos com que não apoiou a reconversão e reestruc-

turação, do grosso das nossas indústrias do têxtil e calçado, porque não teriam capacidade de sobreviverem à globalização ou não tinham massa crítica, apoiaram-se empresas como a Clarks ou a Brax. Seria pela excelência na gestão ou por qualquer outra razão ou chavão, é algo que podia e devia ser esclarecido pelo Ministério da Economia, mas que não reverte a realidade e os encerramentos.

Estas e muitas outras multinacionais vieram única e exclusivamente explorar a mão-de-obra barata, enquanto esta o fosse, e, enquanto houvesse apoios, sem qualquer sustentabilidade. O Ministério da Economia falava há um ano da falta de acompanhamento. Mas que acompanhamento se pode dar a multinacionais cujo centro de decisão não está cá nem é minimamente influenciável. Nem sequer pela imagem negativa deixada – os indígenas continuam a endividar-se para comprar Samsung, apesar de esta ter cá encerrado duas fábricas.

Este é um problema de estratégia nacional, ou de falta dela. Ao se preferir de forma sistemática apoiar o investimento estrangeiro, preterindo-se as empresas de base nacional, sucessivos governos são co-responsáveis no erro político cujas consequências gravosas só estão a começar a fazer-se sentir.

A dura realidade não é exclusivo de Portugal. Segundo o “Público”, Espanha perdeu pelo menos as seguintes fábricas: Gillette, Lear Corporation, United Biscuit, Lucent, Alcatel, Bayer, Autotex, MB, Valeo. Mas ganhou noutros sectores e continua a crescer.

Portugal não impediu o alargamento, apenas negociou alguns pormenores. Portugal está menos competitivo e mais caro. Portugal tem apoiado abertamente uma globalização rápida de mais. Portugal terá, a partir de 2006, 10 novos concorrentes, com fundos para aliciar o investimento estrangeiro. Como dizia o gerente da Clarks, “não há volta a dar”, no caso do encerramento. E haverá “volta a dar” à falta de estratégia coerente e consistente de Portugal neste domínio?

* Presidente da PME-Portugal - presidente@pmeportugal.com.pt